

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

JOÃO ANTÔNIO VOLPINI DE BARROS

**Caracterização das estratégias ofensivas sob a influência das variáveis contextuais no futsal brasileiro: um aprofundamento sobre o contra-ataque.**

RIBEIRÃO PRETO

2022



JOÃO ANTÔNIO VOLPINI DE BARROS

**Caracterização das estratégias ofensivas sob a influência das variáveis contextuais no futsal brasileiro: um aprofundamento sobre o contra-ataque.**

**Versão Corrigida**

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Educação Física e Esporte.

Área de Concentração: Atividade Física e Esporte

Orientador: Prof. Dr. Márcio Pereira Morato

**RIBEIRÃO PRETO**  
**2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Barros, João Antônio Volpini

Caracterização das estratégias ofensivas sob a influência das variáveis contextuais no futsal brasileiro: um aprofundamento sobre o contra-ataque. Ribeirão Preto, 2022.

61 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Morato, Márcio Pereira.

1. Tipos de ataque. 2. Contra-ataque. 3. Variáveis contextuais.  
4. Recuperação da bola.

Nome: BARROS, João Antônio Volpini de

Título: Caracterização das estratégias ofensivas sob a influência das variáveis contextuais no futsal brasileiro: um aprofundamento sobre o contra-ataque.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Banca Examinadora

Aprovada em: 07 de abril de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Rafael Dombos Mendes

Instituição:

EEFERP/USP

Julgamento:

Aprovado

Prof. Dr.

Wilton Carlos de Santana

Instituição:

UEL

Julgamento:

Aprovado

Prof. Dr.

Antônio Coppi Navarro

Instituição:

UFMA

Julgamento:

Aprovado

*Aos meus pais, Eliani e João Roberto*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente ao Prof. Dr. Márcio, que me auxiliou e trabalhou comigo desde o começo dessa trajetória, sendo imprescindível no trabalho e na minha formação pessoal e profissional.

À Gabriela, por ter me auxiliado em coletar e analisar os jogos, tornando possível a produção deste trabalho.

Aos meus amigos, que caminharam comigo neste processo.

Aos meus grupos de estudos (LAPEEPAJ e GEPAJ), precisos nas reflexões e no conhecimento transmitido.





## RESUMO

BARROS, J. A. V. **Caracterização das estratégias ofensivas sob a influência das variáveis contextuais no futsal brasileiro: um aprofundamento sobre o contra-ataque 2022.** Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

O objetivo desta dissertação foi caracterizar os tipos de ataques realizados por equipes do futsal brasileiro, sob a influência das variáveis contextuais. Trataram-se de dois estudos, O estudo 1, caracterizou e identificou as interações entre os tipos de ataque e as variáveis contextuais do futsal. Procurando entender como as variáveis alteram o jogo e sua eficácia. O estudo 2, teve como direcionamento avaliar o contra-ataque das equipes do futsal brasileiro. Para tal analisou-se um total de 43 jogos da liga brasileira de futsal (29 jogos de 2019 e 14 jogos de 2020) que corresponderam a 10391 ações ofensivas (estudo 1), dos quais 1043 foram os contra-ataques (estudo 2). O estudo 1 teve como indicadores analisados: i) tipo de ataque; ii) recuperação da bola; iii) resultado da ação; iv) local da partida; v) período do jogo; vi) resultado momentâneo; vii) situação na classificação; viii) resultado final. E o estudo 2, adicionalmente aos indicadores do primeiro, utilizou os indicadores de: tipos de contra-ataque; região final e inicial; quinto jogador e número de passes. Os resultados indicam que os ataques terminados sem finalização representam 71,3% do total de ataques. Que o ataque posicional (80,3%) é o tipo de ataque predominante ( $p < 0,001$ ), com contra-ataque (10,0%) e bola parada (9,7%) como tipos de ataque situacionais. Com os dados ponderados, a bola parada apresentou o maior índice de finalização (67,8%) e o contra-ataque o de gols (6,0%). O período final do jogo teve a maior incidência de gols (0,7%) e contra-ataques (2,7%). As equipes mandantes apresentaram maior número de ataques (51,6%), finalizações (14,5%) e gols (1,1%). Estar e/ou sair vencendo aumentou a realização de contra-ataques e a chance de vitória. Já o estudo 2, indica que o tipo de contra-ataque assistido (58,1%) foi mais frequente que o individual (41,9%). Que mais contra-ataques terminaram sem finalização (53,3%) do que com finalização (40,7%) ou gols (6,0%). A recuperação de bola direta (86,6%) foi a principal forma de início do contra-ataque, seguida por ação do goleiro (12,1%) e recuperação indireta (1,3%). Quando estavam empatando (44,1%) ou vencendo (35,0%), as equipes realizaram mais contra-ataques que perdendo (19,9%). Por fim, o contra-ataque é um tipo de ataque que se inicia no campo de defesa, através de uma recuperação direta da posse de bola e tende a terminar na região do ataque. O resultado mais comum é terminar o contra-ataque sem

finalização, porém, contra o quinto jogador adversário, a possibilidade de finalizar cresce, assim como sua eficácia.

**Palavras- chave:** Tipos de ataque. Contra-ataque. Variáveis contextuais. Recuperação da bola.

## ABSTRACT

BARROS, J. A. V. **Characterization of offensive strategies under the influence of contextual variables in Brazilian futsal: an observation of counterattack.** 2022. Dissertation (Master's degree in Physical Education and Sports) – Sports and Physical Education School of Ribeirão Preto, University of São Paulo, 2022.

The purpose of this research was to characterize the types of attack and counterattacks carried out by Brazilian futsal teams, influenced by contextual variables. There were two studies. The first characterized the interactions between the type of attack and contextual variables in futsal, in order to understand how this variables change the game. The second research evaluated the counterattack of Brazilian futsal teams. For such, it was analyzed a total of 43 matches of the Brazilian futsal league (29 matches from 2019 and 14 matches from 2020), which corresponded to 10391 offensive actions (study 1), and 1043 counterattacks (study 2). In the first study were analyzed: i) type of attack; ii) ball recovery; attack outcome; match venue; v) match period; vi) match status; vii) classification status viii) match outcome. The second study included the indicators: type of counterattacks; final an initial court region; fifth player and number of passes. The attacks finished without a shot on goal represented 71.3% of total. The positional attack (80.3%) was the predominant type of attack ( $p < .001$ ). Counterattack (10.0%) and set pieces (9.7%) were situational types. When weighted, set pieces has the highest rate of shoot on goal (67.8%), and the counterattacks to score (6.0%). The match's final period had more goals incidence (0.7%) and counterattacks (2.7%). The home teams presented the largest number of attacks (51.6%), shoots (14.5%), goals (1.1%), and used more counterattacks (5.5%) and set pieces (5.6%). Starting or being winning the match increased the chances to win and the number of counterattacks. The second paper, indicates that the assisted counterattack (58.1%) was more frequent than the individual counterattack (41.9%). More counterattacks ended without a shot (53.3%) than with a shot (40.7%) or goals (6.0%). Direct ball recovery (86.6%) was the main way to recovery ball, with goalkeeper actions (12.1%) and indirect ball recovery (1.3%) being lower. Drawing (44.1%) or winning (35.0%) teams made more counterattacks than losing (19.9%). It was also verified that the counterattacks started in the defensive half-court, with direct ball recovery, and ended in offensive half. The common result is to finish the counterattack without a shoot on goal. But against fifth opposing player, there were more chances to shoot on goal and be more effective

**Key-words:** types of attack. Counterattacks. Contextual variables. Ball recovery.



## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	15
1.1 Atividades científico-acadêmicas e profissionais .....	15
1.2 Contextualização.....	18
1.3 Objetivo Geral.....	20
1.4 Objetivos Específicos .....	20
2. ESTUDO 1 .....	21
2.1 Introdução .....	21
2.2 Métodos .....	23
2.3 Resultados.....	25
2.4 Discussão .....	29
2.5 Conclusão.....	34
3. ESTUDO 2.....	36
3.1 Introdução .....	36
3.2 Métodos .....	37
3.3 Resultados.....	40
3.4 Discussão .....	46
3.5 Conclusão.....	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
5. REFERENCIAS .....	53



## **1. APRESENTAÇÃO**

Esta dissertação seguiu um modelo escandinavo, sendo composta por dois artigos complementares, para o entendimento central do trabalho acerca do futsal no Brasil. Previamente aos artigos serão apresentados: as atividades científico-acadêmicas e profissionais desenvolvidas pelo autor; uma contextualização da dissertação; os objetivos gerais e específicos do estudo.

O estudo 1 (Caracterização da fase ofensiva das equipes brasileiras de futsal em relação às variáveis contextuais) identifica-se como um estudo notacional dos ataques realizados na liga brasileira de futsal (2019/20), que teve como objetivo caracterizar e identificar as interações entre os tipos de ataque e as variáveis contextuais.

O estudo 2 (Descrição dos contra-ataques da liga brasileira de futsal (2019/2020) em relação à recuperação da bola, ao tipo de contra-ataque e à região da quadra) identificou-se também como um estudo notacional dos contra-ataques. Nele, o objetivo foi identificar e avaliar as relações de como se iniciou o contra-ataque, que tipo foi utilizado e qual a influência das variáveis contextuais

### **1.1 Atividades científico-acadêmicas e profissionais**

Enquanto jovem, sempre fui praticante de futebol e futsal, frequentando escolas desde os 6 anos de idade. Aos meus 17 anos, era atleta sub 20 de um clube de futebol e, por gosto e contato com o esporte, vestibulando em Educação Física. Então em 2013, ingresso na EEFERP-USP, tentando conciliar esta dupla carreira de atleta e graduando. O que não deu certo, pois os horários eram concorrentes impossibilitando estar 100% presente. Ao fim do meu primeiro semestre, pude observar que este caminho não estava dando certo e decidi optar em seguir apenas um, o estudo, por, naquele momento, considerar ser mais seguro e garantido.

Do segundo semestre em diante, decidi vivenciar ao máximo a EEFERP, fazendo parte da Associação Atlética (AAAVB), sendo representante discente no Conselho Técnico

Administrativo. Neste caminho, me tornei monitor voluntário, em um projeto de cultura e extensão do Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, denominado Escolinha de Futsal, que tinha como objetivo oportunizar o ensino de futsal para crianças de 11 a 14 anos, de maneira sistematizada e condizente com sua idade. Estando no projeto, fui me interessando cada vez mais pela Educação Física e pela arte de ensinar. Foi então que, junto ao Prof. Dr. Renato e a escolinha de futsal, apresentei meu primeiro resumo científico em um congresso:

- BARROS, J, A, V; LIMA, J. C.; MARQUES, R, F, R. **Um relato de experiência na escola de futsal da EEFERP/USP**. In: Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte- CONIPE, 2016, Campinas. Resumos do I Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, 2016.

Neste mesmo ano realizei o meu trabalho de conclusão de curso, analisando o desenvolvimento do conhecimento tático processual dos alunos matriculados na escolinha de futsal, através de uma proposta de sistematização do ensino para jovens de 11 a 14 anos. Orientado por Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques e coorientado por Prof. Dr. Rodrigo Leal de Queiroz de Aquino.

Ainda em 2016, aconteceram dois marcos que mudaram minha trajetória. O primeiro foi a participação como monitor voluntário da matéria de Fundamentos da Análise de Jogo, uma matéria que eu havia feito no ano anterior e tinha adorado, por ser extremamente prática e aplicada. O segundo marco, foi o ingresso no grupo de estudos e pesquisa em Análise de Jogo (GEPAJ), ambos realizados pelos Profs. Dr. Márcio e Rafael.

Mesmo após formado, continuei no grupo de estudos. E comecei a trabalhar como professor de futebol no clube que joguei na adolescência, e treinador universitário de futsal. Essa junção de estar na prática e ainda ter acesso à academia, foi riquíssima, pois, era como ver suas reflexões sendo vivenciadas dia a dia, e isso gerava mais dúvidas e mais reflexões. Até que no ano de 2019, ingressei no mestrado, a fim de investigar algo que me angustiava na prática como treinador de futsal, a origem das transições ofensivas em contra-ataque e suas relações com o contexto do jogo.

Dentro do programa de pós-graduação, continuei trabalhando como professor de futebol e futsal, e não tive acesso a bolsa de fomento estudantil. No primeiro ano do mestrado me concentrei em realizar as matérias e construir o protocolo de observação do estudo. Realizei um total de 30 créditos (6 a mais que o necessário) todos com o conceito A. Também tive a oportunidade de participar como bolsista do programa de aperfeiçoamento de ensino (PAE),



na matéria de Fundamentos da Análise de Jogo (120hrs). Devido ao meu trabalho, neste mesmo ano, realizei a Licença C da CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

O meu exame de qualificação ocorreu no dia 11 de março de 2020. E nele, eu apresentei um estudo piloto olhando não apenas as transições ofensivas, mais sim, toda a fase ofensiva. O que foi indicado como um caminho a ser seguido, que consistia em dividir o estudo em dois: no primeiro identificar todos os ataques; e no segundo olhar apenas para o contra-ataque, algo que foi aceito e trouxe mais fluidez ao trabalho.

Ainda em 2020, exerci minhas primeiras coorientações, o que foi uma experiência incrível, e que me fez crescer demais, enquanto professor/pesquisador. O primeiro inclusive, está aceito na RBFF- Revista Brasileira de Futsal e Futebol, aguardando publicação.

- OLIVEIRA, G. **Incidência e eficácia do quinto jogador na elite do futsal brasileiro**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.
- GRAÇA, J. **Influência da relação numérica no contra-ataque da Liga Nacional de Futsal**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.
- D'ANTÔNIO, G. **Relação entre a qualidade das recepções e o desempenho das equipes na Superliga feminina 2020/2021**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.
- SARTORI, J. **Caracterização do contra-ataque de uma equipe de futebol: o caso do campeão inglês 2019/20**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.
- OLIVEIRA, F. **O contexto da análise do jogo em equipes de futsal de elite no Brasil**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

- ROSSI, G. **Análise de jogo no esporte: indicadores de performance nas lutas em league of legends**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

Por fim, direciono o texto para minha dissertação, para a qual foram analisados 43 jogos, que foram gravados ou baixados de sites ou domínio público. E cada análise demandava entre três a quatro horas. Esse processo foi realizado uma vez e meia, pois devido ao cuidado, e ao ajuste das variáveis (tipos de ataque, recuperação da bola e resultado), resolvemos antes de seguir para o estudo 2, reavaliar as ações para aumentarmos a confiabilidade, para só então dar seguimento.

## **1.2. Contextualização**

Uma revisão de 2016, traz um interessante achado, que diz respeito à língua dos artigos publicados em futsal. O português (64,5%) foi o idioma com mais estudos, seguido pelo inglês (30,5%), espanhol (4%) e turco (1%) (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016). Ao se observar a produção científica no futsal, encontra-se que a maioria dos estudos estão relacionados a parâmetros físicos e que, apesar de sua popularidade, os números científicos são escassos e limitados, existindo poucos estudos que levam em consideração os aspectos técnicos e táticos (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016; BEATO; CORATELLA; SCHENA, 2016; MOORE et al., 2014).

Estudos sobre desempenho físico dos jogadores de futsal indicam que o futsal é um jogo de múltiplos sprints curtos, com durações de 8 a 9 segundos, e que existem diferenças nos perfis de corrida durante os tempos (BARBERO-ALVAREZ et al., 2008; DOGRAMACI; WATSFORD; MURPHY, 2011).

Em relação à forma com o jogo ocorre, foi verificado que as ações de perder a posse e finalizar, são as ações mais recorrentes no jogo (BRAVO; OLIVEIRA, 2012). Para uma melhor eficácia ofensiva, treinadores indicam que um ataque deve possuir constante movimentação da bola e dos jogadores (SANTANA, 2008). Barreira et al. (2014a) verificaram que ações iniciadas com recuperação das bolas através de interceptação, desarme e ações do goleiro, aumentam a chances de gol. Já Carneiro et al. (2021), verificaram que a

recuperação mais comum no futsal juvenil, foi a indireta, e em laterais. E por fim, Santana (2007) identificou que os contra-ataques se iniciaram através de interceptações, desarmes e ações do goleiro.

Sabe-se que o ato de finalizar é um indicador discriminatório de desempenho, pois o jogo será sempre condicionado pela eficácia das finalizações (DUARTE, 2008; LEITE, 2013), ainda mais em modalidades jogadas com os pés, que geralmente apresentam placares reduzidos, se comparadas à modalidades coletivas jogadas com as mãos. Sendo assim, existem estudos que, ao observarem os gols, ou ataques de sucesso (finalizados), indicam que os períodos finais do jogo são momentos críticos, e que os ataques em contra-ataque e ataque posicional são as que apresentam maior incidência de gols (ALVES; BUENO, 2012; FUKUDA; SANTANA, 2012; GIANI; SOARES; SILVA, 2018; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019; SARMENTO et al., 2016).

O jogo de futsal possui um ritmo acelerado, com muitas transições e contra-ataques (surgindo principalmente do campo de defesa) (ABURACHID; RIBAS; GRECO, 2010; SANTANA, 2007). Diversos estudo já identificam o fato de o contra-ataque ser uma ação de extrema relevância para o jogo de futsal (FUKUDA; SANTANA, 2012; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; SANTANA, 2007; SARMENTO et al., 2016), como já identificaram a forma de recuperação que faz com que eles aconteçam. Porém, estes estudos não verificam as interações dos tipos de ataque com as variáveis contextuais, especialmente quando considerados todos os ataques realizados durante as partidas.

Assim, as perguntas norteadoras do estudo foram: Como são os ataques das equipes de futsal? Eles são influenciados pelo modo que acontece a recuperação da bola? Pelo contexto do jogo? Sua eficácia ofensiva se altera quando estão vencendo ou perdendo as partidas? O contra-ataque muda de acordo com o tipo de ataque adversário? Quando se está vencendo ou perdendo, as equipes contra-atacam mais? Em quais regiões o contra-ataque se inicia e finaliza? O número de passes e jogadores altera sua organização?

### **1.3. Objetivo Geral**

- O objetivo geral do trabalho foi caracterizar os tipos de ataques realizados pelas equipes do futsal brasileiro, sob a influência das variáveis contextuais.

### **1.4. Objetivos Específicos**

- Identificar e avaliar as variáveis contextuais (local da partida; período do jogo; resultado momentâneo; situação na classificação; resultado final)
- Identificar como são realizadas as recuperações de bola e os resultados dos ataques
- Comparar os tipos de ataques em relação aos diferentes contextos e eficácia
- Comparar a eficácia dos tipos de contra-ataque utilizados
- Identificar as regiões de início e fim dos contra-ataques
- Identificar as relações numéricas no contra-ataque

## **2. ESTUDO 1**

### **Caracterização da fase ofensiva das equipes brasileiras de futsal em relação às variáveis contextuais.**

#### **2.1. Introdução**

O surgimento do futsal ocorreu na década de 1930, por influência do futebol. Porém, nos últimos anos, o futsal vem ganhando notabilidade, chegando a ser praticado por mais de 100 países e possuindo mais de um milhão de pessoas registradas na FIFA (Fédération Internationale de Football Association) (BEATO; CORATELLA; SCHENA, 2016; MOORE et al., 2014). O futsal é praticado em uma quadra de 40m x 20m em uma disposição numérica de 5x5 jogadores incluindo o goleiro. O jogo possui dois tempos de 20 minutos que acontecem de forma cronometrada (BEATO; CORATELLA; SCHENA, 2016; MOORE et al., 2014). No ano de 1989 ocorreu o primeiro Campeonato Mundial da modalidade e, desde então, vem acontecendo até os dias atuais (SANTANA, 2007). O Brasil possui uma liga considerada a mais importante das américas e uma das ligas mais disputadas do mundo (LNF, 2022). Atualmente a competição conta com a participação de 23 equipes de sete diferentes estados, estando presente em todo país (LNF, 2022)

Para a maior compreensão da modalidade, os pesquisadores tem utilizado a análise do jogo que, atualmente, tem se debruçado na influência das variáveis contextuais na partida. Tal conceito busca entender a relação do local da partida, do resultado momentâneo, do período e da qualidade da oposição (CAMPOS et al., 2015; MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011). O local da partida é definido como o local em que o jogo acontece e foca na comparação entre mandantes vs. visitantes. No futsal, inclusive, o efeito da vantagem de jogar em casa vem sendo verificado. Estudos, tanto no Brasil quanto na Espanha, demonstram que ser mandante aumenta a chance de vitória (CAMPOS et al., 2015; MOLINUEVO; BERMEJO, 2011, 2012).

Já o resultado momentâneo pode ser entendido como o placar da partida no momento observado, podendo ser vencendo, perdendo ou empatando (MARCELINO; SAMPAIO;

MESQUITA, 2011). Essa variável contextual apresenta influência direta na efetividade ofensiva e na escolha dos tipos de ataques pelas equipes, os levando a fazer com que equipes utilizem o 5vs4+GK (atacar com cinco jogadores, sendo goleiro-linha ou linha-goleiro), quando estão perdendo, ou que contra-ataquem mais quando estão vencendo (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019). O período do jogo é o parcelamento do tempo total de jogo, podendo ser de cinco, oito ou dez minutos de acordo com a necessidade do pesquisador. Essa variável tem demonstrado correlação com gols e finalizações. Visto que a ocorrência de gols tem sido maior nos períodos finais das partidas de futsal (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016; FUKUDA; SANTANA, 2012).

E, por fim, a qualidade da oposição corresponde à definição de grupos de equipes ou atletas em superiores e inferiores, devido ao fato de que, apesar de ambas se enfrentarem, não necessariamente possuírem o mesmo nível competitivo e, ainda assim, se influenciam (MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011). No futsal nota-se que equipes superiores e inferiores tendem a ter comportamentos estratégicos diferentes. Como exemplo, quando uma equipe superior enfrenta uma inferior fora de casa, a vantagem do mandante tende a ser mitigada, ou tipos de ataques são mais observáveis como o ataque posicional que tende a aumentar, demonstrando uma postura mais defensiva das equipes inferiores ao enfrentar as superiores (CAMPOS et al., 2015; LAGO, 2009; MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019).

Outro enfoque das pesquisas em futsal está relacionado aos tipos de ataques e sua eficácia. Diversos estudos as observam e encontram dados que demonstram que o ataque posicional e o contra-ataque são os tipos mais usados e, em alguns casos, ainda as mais eficazes (ALVES; BUENO, 2012; FUKUDA; SANTANA, 2012; GIANI; SOARES; SILVA, 2018; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019). Contudo, poucos estudos observaram o jogo em sua totalidade, incluindo as ações de sucesso e insucesso. Um estudo demonstrou que a maior eficácia ofensiva advindas de bolas paradas e contra-ataques, e está intimamente ligada a região de término do ataque e aos sistemas defensivos. Assim como apresentou que a maioria dos ataques não foram finalizados (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015). Apesar desses estudos gerarem grande conhecimento sobre a modalidade, especialmente ao demonstrarem a interferência das variáveis contextuais no jogo, pouco se sabe sobre a relação das variáveis contextuais com os tipos de ataques e seus desdobramentos. O que se indica como um passo a ser dado neste trabalho, no qual o objetivo é caracterizar e identificar as interações entre os tipos de ataques e

as variáveis contextuais, de modo a buscar entender como tais variáveis influenciam nas escolhas das equipes e em sua eficácia, nos diferentes momentos do jogo.

## 2.2. Métodos

A aquisição dos dados se deu por meio de uma análise notacional nomotética multidimensional (observação sistemática não participante) (ANGUERA; MENDO, 2013), na qual foram definidos os critérios a serem avaliados de acordo com o objetivo proposto pelo estudo, a fim de identificar associações acerca do jogo de futsal (FURTADO et al., 2021; LAGO, 2009; O'DONOGHUE, 2010; WRIGHT; CARLING; COLLINS, 2014). Para tal, foi utilizado o software VLC media player 3.0.8 e os dados anotados em planilha eletrônica *ad hoc*.

Os jogos utilizados para a captação dos dados foram advindos da fase eliminatória da liga nacional de futsal, totalizando 43 jogos (29 jogos em 2019 e 14 jogos em 2020) e 10391 ações ofensivas. Pesquisa aprovada por um comitê de ética e pesquisa da Universidade de São Paulo (CAAE: 67387017.7.0000.5659).

### 2.2.1. Coleta de dados e procedimentos

Os indicadores ofensivos desenvolvidos iniciavam-se na posse de bola de uma equipe e terminavam na troca de posse ou em um novo ataque da mesma equipe (e.g. quando a bola tocada pelo adversário saía e a equipe mantinha a posse de bola, cobrando um lateral e iniciando uma nova ação ofensiva). Tais indicadores consistiam em: **i)** tipos de ataques: ataque posicional (ataque realizado já com a defesa adversária posicionada, com duração de tempo maior), contra-ataque (ataque realizado no momento de transição ofensiva, com progressão direta ao ataque e defensores em situação de perseguição e reestruturação defensiva) e bola parada (ataque a partir de cobrança de faltas frontais e escanteios que terminaram nos primeiros três segundos); **ii)** recuperação da bola: indireta (com a bola fora de jogo) ou direta (com a bola em disputa) (Tabela 1 lado esquerdo); **iii)** resultado da ação: finalização, sem finalização e gol (Tabela 1 lado direito); **iv)** local do jogo: casa ou fora; **v)** período do jogo: 1º período (20:00 a 10:00 do primeiro tempo), 2º período (09:59

a 00:00 do primeiro tempo), 3º período (20:00 a 10:00 do segundo tempo), 4º período (09:59 a 00:00 do segundo tempo) e prorrogações; **vi**) resultado momentâneo (empatando, vencendo por 1, vencendo por 2+, perdendo por 1 e perdendo por 2+); **vii**) situação na classificação (como os jogos eram de ida e volta e, em caso de resultados iguais, havia prorrogação com vantagem para o mandante do segundo jogo, foi criada essa categoria para acompanhar esse processo), sendo dividida em: indefinido, desclassificando e classificando; **viii**) resultado final: empate, vitória, derrota.

Tabela 1 – Descrição e distribuição dos indicadores de ação relacionados a recuperação da bola e resultado do ataque

Recuperação da bola <sup>1</sup>		Resultado do ataque <sup>2</sup>	
Indireta	Direta	Não finalizado	Finalizado
Lateral (34,4%)	Interceptação (17,0%)	Interceptação (30,5%)	Defesa go goleiro (9,9%)
Tiro de meta (14,7%)	Desarme (6,5%)	Erro de ataque (20,2%)	Bloqueio (8,2%)
Escanteio (7,5%)	Defesa do goleiro (4,9%)	Desarme (13,4%)	Fora (8,6%)
Falta/violação (6,5%)	Bloqueio (4,9%)	Falta/violação (7,2%)	Gol (2,0%)
Reinício (2,5%)	Erro de ataque (2,3%)		

1:  $X^2(9) = 9161,91$ ;  $p < 0,001$ ; 2:  $X^2(7) = 4689,60$ ;  $p < 0,001$ .

A confiabilidade intra e interobservador foi testada para todas as variáveis contextuais e variáveis de desempenho. A confiabilidade intraobservador, foi realizada com um período de 4 semanas após o fim das análises. Interobservadores foi avaliado usando o mesmo conjunto de dados anotado pelo primeiro observador que corresponderam a 30% (N = 3120) do total de ações analisadas. Tais conjuntos de dados foram testados através do índice de Kappa de Cohen (Tabela 2) (VIERA; GARRETT, 2005; WOOD, 2007).

Tabela 2 – Valor de confiabilidade – Kappa de Cohen

Indicador de Performance	Intraobservador	Interobservador	Interpretação do Kappa
Recuperação da bola	0,87	0,89	<i>Almost perfect</i>
Resultado do ataque	0,82	0,83	<i>Almost perfect</i>
Tipos de ataque	0,82	0,82	<i>Almost perfect</i>



### 2.2.2. Análise estatística

Foi calculado o teste qui-quadrado de aderência para determinar se havia diferença na distribuição das categorias analisadas (tipos de ataque; local partida; período; resultado momentâneo; situação na classificação; recuperação da bola; resultado do ataque e resultado do jogo). E foi realizado o teste qui-quadrado de independência para determinar associações entre as variáveis dependentes (tipos de ataques; resultado do ataque e recuperação da bola). O teste exato de Fisher foi usado para determinar a significância em tabelas com frequência de células menores que 5. Para cálculo estatístico foi utilizado o programa IBM SPSS for Windows Statistical Package (versão 20.0). E para determinação de significância, o valor de P foi ajustado para 0,05.

### 2.3. Resultados

O ataque posicional foi o tipo de ataque de maior ocorrência (80,3%), seguida pelo contra-ataque (10,0%) e pela bola parada (9,7%),  $X^2(2) = 1031,86$ ;  $p < 0,001$ . Além disso, é possível notar na Tabela 3, que: 1) não houve distribuição igualitária quanto a ocorrência das ações entre as categorias de cada variável (colunas à esquerda); 2) houve associação entre cada uma das variáveis e os tipos de ataque (colunas à direita).

Quanto à distribuição das ocorrências na fase ofensiva do futsal (Tabela 3, lado esquerdo), houve maior número de ações: a) das equipes mandantes; b) no primeiro e terceiro períodos do jogo, que correspondem, respectivamente, ao começo do primeiro e do segundo tempo das partidas (também foi encontrado diferença significativa considerando apenas os quatro primeiros períodos, excluindo a prorrogação,  $X^2(3) = 20,53$ ;  $p < 0,001$ ); c) das equipes que estavam empatando; d) para as equipes em situação de eliminação; e) através de uma recuperação da bola indireta; f) de ataques não finalizados a gol; g) das equipes que perderam as partidas.

Já em relação à associação do tipo de ataque e demais variáveis (Tabela 3, lado direito), foi possível notar que: a) as equipes mandantes apresentaram maior diferença percentual (em relação às visitantes) para as ações ofensivas em contra-ataque e bola parada; b) independente do período, o ataque posicional é o tipo mais frequente. Contudo, o contra-ataque cresce em

incidência no período final dos jogos, enquanto a bola parada decresce do início para o fim das partidas; c) o ataque posicional foi o tipo de ataque mais utilizado em qualquer resultado momentâneo, já o contra-ataque apresentou sua maior incidência quando as equipes estavam empatando ou vencendo e a bola parada, no entanto, foi mais realizada em situações de empate e perdendo; d) equipes em situação de eliminação realizaram mais ataques posicionais e bola parada que as equipes em situação indefinidas ou classificadas, que, por sua vez, se utilizaram mais vezes de contra-ataques; e) o ataque posicional e bola parada se iniciam majoritariamente através de recuperação indireta, já o contra-ataque prioritariamente através de uma recuperação direta; f) o ataque posicional, em números absolutos, foi a que mais gerou finalização, contudo, a bola parada gerou mais finalizações quando ponderada pelo total de cada tipo de ataque (681 finalizações para 1004 ataques), e o contra-ataque foi a mais eficaz em gols (63 gols para 1043 ataques); g) as equipes que foram derrotadas realizaram mais ataques posicionais durante o jogo. Em oposição a isso, as equipes que venceram foram as que mais realizaram contra-ataques. Ainda em relação ao vencedor da partida, foi testado a associação do vencedor do jogo com o resultado momentâneo ( $X^2(4) = 3342,64$ ;  $p < 0,001$ ), demonstrando que as equipes que venceram, realizaram mais ações enquanto estavam empatando (46,9%) ou vencendo (45,6%) as partidas

A Tabela 4 apresenta como se associa a recuperação de bola com as variáveis contextuais (lado esquerdo), sendo possível verificar que: a) o local do jogo não influencia na forma que as equipes recuperam a bola; b) o período da partida também não apresentou associação com a recuperação da bola; c) em relação ao resultado momentâneo, as equipes que estão perdendo iniciaram mais ataques através de uma recuperação indireta que as equipes que estão vencendo.

Ainda na Tabela 4 (lado direito) foi verificado a associação de todas as variáveis contextuais com o resultado do ataque, demonstrando que: a) as equipes mandantes finalizam mais e fazem mais gols que as visitantes; b) os períodos iniciais dos tempos (1° e 3°) tiveram menos gols que os períodos finais, mesmo apresentando número próximo de finalizações; c) as equipes vencendo fizeram mais gols que as equipes perdendo, mesmo finalizando menos vezes.

Tabela 3 – Frequência e porcentagem dos indicadores e sua relação com cada tipo de ataque.

Variáveis contextuais	Total de ações			Tipos de ataque				
	N (%)	Qui-quadrado	Valor P	Ataque posicional	Contra-ataque	Bola parada	Qui-quadrado	Valor P
<b>Local</b>								
Mandante	5337 (51,6%)	10,04	0,002	40,5%	5,5%	5,6%	21,70	< 0,001
Visitante	5034 (48,4%)			39,8%	4,6%	4,1%		
<b>Período</b>								
1°	2668 (25,7%)	1821,23	< 0,001	20,4%	2,3%	3,0%	71,01	< 0,001
2°	2476 (23,8%)			19,0%	2,2%	2,6%		
3°	2543 (24,5%)			19,7%	2,4%	2,3%		
4°	2354 (22,7%)			18,4%	2,7%	1,5%		
Prorrogação	350 (3,4%)			2,9%	0,4%	0,1%		
<b>Resultado momentâneo</b>								
Empate	4793 (46,1%)	4737,75	< 0,001	36,8%	4,4%	4,9%	155,00	< 0,001
Perdendo 1	1941 (18,7%)			15,3%	1,3%	2,0%		
Vencendo 1	1562 (15,0%)			11,7%	2,0%	1,3%		
Perdendo 2+	1229 (11,8%)			10,1%	0,7%	1,0%		
Vencendo 2+	866 (8,3%)			6,3%	1,6%	0,5%		
<b>Situação Classificatória</b>								
Eliminado	3965 (38,2%)	110,12	< 0,001	31,5%	2,7%	4,0%	105,99	< 0,001
Indefinido	3260 (31,4%)			25,2%	3,0%	3,2%		
Classificado	3166 (30,5%)			23,6%	4,3%	2,5%		
<b>Recuperação da bola</b>								
Indireta	6897 (66,4%)	1114,47	< 0,001	56,4%	0,5%	9,7%	2419,43	< 0,001
Direta	3494 (33,6%)			23,9%	9,7%	0,0%		
<b>Resultado do ataque</b>								
Não finalizado	7409 (71,3%)	7691,46	< 0,001	62,8%	5,4%	3,1%	1168,45	< 0,001
Finalizado	2774 (26,7%)			16,4%	4,1%	6,2%		
Gol	208 (2,0%)			1,1%	0,6%	0,3%		
<b>Resultado final</b>								
Derrota	4488 (43,2%)	1303,30	< 0,001	35,8%	3,3%	4,1%	63,10	< 0,001
Vitória	4164 (40,1%)			31,2%	5,1%	3,8%		
Empate	1739 (16,7%)			13,3%	1,7%	1,7%		

Tabela 4 – Influencia das variáveis contextuais na recuperação da bola e no resultado do ataque.

Variáveis contextuais	Recuperação da bola				Resultado do ataque				
	Indireta	Direta	Qui- Quadrado	Valor P	Não Finalizado	Finalizado	Gol	Qui- Quadrado	Valor P
<b>Local</b>									
Mandante	34,2%	17,4%	0,56	0,813	35,9%	14,5%	1,1%	13,88	0,001
Visitante	32,2%	16,2%			35,4%	12,2%	0,9%		
<b>Período</b>									
1°	17,4%	8,2%	5,09	0,278	18,9%	6,5%	0,3%	57,58	< 0,001
2°	15,8%	8,0%			16,9%	6,4%	0,5%		
3°	15,9%	8,6%			18,1%	5,9%	0,4%		
4°	15,0%	7,7%			15,1%	6,8%	0,7%		
Prorrogação	2,3%	1,1%			2,2%	1,0%	0,1%		
<b>Resultado momentâneo</b>									
Empate	30,4%	15,7%	20,90	< 0,001	33,8%	11,6%	0,7%	96,59	< 0,001
Perdendo 1	12,8%	5,9%			12,8%	5,5%	0,3%		
Vencendo 1	9,6%	5,4%			11,2%	3,5%	0,4%		
Perdendo 2+	8,3%	3,5%			7,5%	4,1%	0,2%		
Vencendo 2+	5,3%	3,0%			6,1%	1,9%	0,4%		

## 2.4. Discussão

O objetivo deste trabalho foi descrever e caracterizar a fase ofensiva do futsal brasileiro e verificar como as variáveis contextuais influenciaram os tipos de ataque e sua eficácia dentro de toda a partida. A caracterização demonstra que ataques terminados sem finalização a gol são mais recorrentes no futsal. Além disso, o ataque posicional demonstrou ser o tipo de ataque predominante no jogo, com o contra-ataque e a bola parada surgindo como tipos de ataque complementares e situacionais, induzidas ao longo das partidas por fatores contextuais como período, resultado momentâneo e situação na classificação. A bola parada apresentou um maior índice de finalização e, o contra-ataque, um maior índice de gols (mais eficazes), quando comparados ao ataque posicional. Cada tipo de ataque se mostrou diretamente relacionado à forma como a recuperação da bola foi realizada: recuperações indiretas induziram as equipes a ataques posicionais e bola parada e recuperações diretas aumentaram as chances de realizar contra-ataques. Além disso, estar em vantagem no jogo mostrou ser uma variável com extrema relevância para vitória e para o tipo de ataque realizado, pois aumentou a eficácia ofensiva e apresentou maiores chances de vencer o jogo.

O entendimento de como as variáveis contextuais influenciam o jogo e a forma como ele é jogado, é um tema de interesse de pesquisadores do esporte atual (LAGO, 2009; MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011) e permite observar que as variáveis contextuais de local da partida e nível competitivo influenciam o estilo de jogo das equipes. No futebol, a duração da posse de bola, o número de finalizações e as bolas paradas foram as situações mais identificadas com fatores que influenciaram o desempenho das equipes (GÓMEZ et al., 2018). Em relação ao nível competitivo, as equipes superiores e/ou mandantes controlaram o jogo através de maiores percentuais de posse de bola e tendo maiores êxitos em suas finalizações e ações ofensivas (GÓMEZ et al., 2018). Ao encontro desses dados, foi identificada diferença na postura de uma equipe espanhola em relação ao resultado momentâneo, apoiando a ideia de que os tipos de ataque são influenciados pelas variáveis contextuais (LAGO, 2009). Tal equipe, perdendo, aumentou a duração da sua posse de bola, enquanto vencendo, buscou mais o jogo direto e os contra-ataques. Quando enfrentou adversários de nível superior, diminuiu sua posse de bola, efeito que era maximizado caso o jogo fosse fora de casa (LAGO, 2009). A análise dos tipos de ataque na Premier League demonstrou o mesmo padrão, com aumento da posse de bola para a equipe que está perdendo

o jogo e diminuição para a que está vencendo, além de ser também maior para as equipes mandantes em comparação com as visitantes, que priorizaram ataques rápidos e cruzamentos (FERNANDEZ-NAVARRO et al., 2018). Além disso, quando a diferença no resultado momentâneo fica acima de dois gols, o jogo ofensivo tende a buscar um ritmo ofensivo mais acelerado e cruzar mais vezes na área adversária (FERNANDEZ-NAVARRO et al., 2018).

Esses achados sobre o futebol corroboram os dados sobre os tipos de ataque empregados pelas equipes em nosso estudo: equipes em vantagem utilizam mais o jogo direto e o contra-ataque e, em desvantagem, mais o jogo posicional. Tal fato, sugere que as equipes possam apresentar maior foco na manutenção da vantagem do que em sua ampliação.

No futsal, os estudos apresentam um perfil de observação muito voltado a momentos ou tipos de ataque específicos, o que dificulta a comparação (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016). Contudo, um estudo observou o sucesso na posse de bola no futsal espanhol, demonstrando que a maior eficácia ofensiva foi alcançada através de bola parada e contra-ataque e inversamente quando foi utilizado ataque posicional, sendo um total de insucesso ofensivo de 50,4%. A distribuição dos tipos de ataque correspondeu a 83,9% de jogo posicional, 6,3% de contra-ataque e 9,8% de bola parada (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015). Resultado próximo ao encontrado no nosso estudo, indicando que tal organização ofensiva parece ser representativa nas diferentes ligas brasileira e espanhola. Contudo, o efeito do resultado momentâneo não apresentou diferença na liga espanhola (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015), e, em contrapartida, no nosso estudo mostrou sim influenciar a eficácia ofensiva na liga brasileira.

Em nosso estudo, os jogos analisados corresponderam a todos os jogos da fase eliminatória (confrontos de ida e volta). Os confrontos começavam em igualdade, apesar da equipe melhor classificada poder jogar o segundo jogo em casa e ter a vantagem do empate na prorrogação caso ela ocorresse. Já no segundo jogo, a equipe que venceu o primeiro, estava em vantagem, necessitando apenas de um empate para classificação e, ainda, caso perdesse, jogaria a prorrogação. Tal construção do confronto se entrelaça com o resultado momentâneo do jogo e o período da partida. Nos momentos iniciais, quando ainda havia bastante tempo de jogo e o placar estava empatado (quase metade das ações), foi caracterizado uma alta troca de ações ofensivas entre as equipes, um alto número de ataques iniciados através de uma recuperação indireta da bola, que proporcionou elevado número de ataques posicionais, que pouco resultaram em finalização.

A conquista do primeiro gol e/ou de uma situação de vantagem (resultado momentâneo e classificação), alterou a caracterização dos ataques. A equipe em vantagem, conforme o tempo passa, tende a diminuir o número de ataque posicionais e aumentar os contra-ataques. Já as equipes em desvantagem (perdendo ou desclassificando) alteraram em sentido oposto, aumentando as recuperações indiretas e, conseqüentemente, mais ataques posicionais e bola parada. Dados que refletem comportamentos já apresentados em outro estudo (MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2017), no qual observaram como os momentos de instabilidade no jogo, denominados por eles como momentos críticos (tempo de jogo; gols de diferença; faltas), influenciaram na decisão de se utilizar ou não o 5vs4+GK. O uso do 5vs4+GK também mostrou induzir a defesa à posturas mais baixas, enquanto a equipe que se utiliza desse jogador a mais, ataca de forma organizacional, sendo interessante que, ao roubar a bola, a equipe antes em defesa, tente contra-atacar (CORRÊA et al., 2014). Contextos alinhados com o nosso estudo, (visto que aqui, os ataques realizados em 5vs4+GK foram categorizados também como ataque posicional) demonstrando que o modo de atacar se altera pela necessidade contextual imposta pela outra equipe, que está ligada a necessidade de fazer gol e ao esgotamento do tempo. Isso faz com que as equipes em desvantagem se arrisquem mais ofensivamente e se exponham ao contra-ataque.

Em relação ao período do jogo, o presente trabalho apresentou que os momentos finais do jogo são os que saíram mais gols, mesmo com o número de finalizações similares. Outros estudos identificaram que o quarto período do jogo correspondeu a 37% do total de gols na liga brasileira de futsal (FUKUDA; SANTANA, 2012) e a 34% dos gols no feminino sub-20 (BEZERRA; NAVARRO, 2012). Na liga espanhola, quando observado a eficácia dos gols quando um jogador está fora (dois minutos da expulsão), foi demonstrado que, nos últimos períodos com agravantes de faltas, foi o momento que mais houve gols (GÓMEZ et al., 2019). Parece que os últimos dez minutos dos jogos se apresentam como um momento que demanda grande atenção das equipes, por ser um período decisivo no jogo ao envolver o manejo do risco em busca da diminuição e ou manutenção da desvantagem (FUKUDA; SANTANA, 2012).

Esses momentos finais do jogo também foram os momentos nos quais encontramos o maior índice de contra-ataques. Ao relacionarmos esse emaranhado de relações que envolvem as variáveis contextuais e os tipos de ataque, é visto um contexto que quando se tem condições iguais de placar, o jogo tende a ter um reforço de ataques posicionais. Porém, quando uma equipe sai vencendo ou abre vantagem e o tempo vai se esgotando, ela procura se

arriscar menos, buscando mais manter do que a ampliar a vantagem, se guarnecendo e atacando mais. Em contrapartida, quando perdendo ou em situação de eliminação, busca-se ser mais agressivo e correr mais riscos, empurrando a equipe adversária para trás, e atacando mais de maneira posicional com ou sem o quinto atacante (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; LAGO, 2009).

É notório que finalizar não é regra no jogo de futsal, pois no nosso estudo, menos de um terço dos ataques terminou em finalização e, em outro estudo (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015), 50,4% das ações não foram finalizadas. Tal característica independe do local do jogo, período do jogo, resultado momentâneo, situação classificatória, recuperação da bola e até mesmo o tipo de ataque. Mas, quando houve finalização, foi possível observar que, dentre os três tipos de ataque, o que mais gerou finalização e gols, de forma absoluta, foi o ataque posicional. A distribuição de gols no presente estudo foi de ataque posicional (53,4%), contra-ataque (30,3%) e bola parada (16,3%).

Na literatura encontra-se, por exemplo, um estudo (ALVES; BUENO, 2012) que identificou uma distribuição de 37,2% dos gols em contra-ataque, 30,9% de ataque posicional, 19,1% de bola parada 11,7% de quinto jogador e 1,1% de ataque com exclusão de dois minutos. Outro estudo (FUKUDA; SANTANA, 2012) verificou dados semelhantes com ataque posicional com 24,4%, contra-ataque 24,4%, bola parada 23,1%, quinto jogador 21,8%, defesa de quinto jogador 5,1% e exclusão 1,3%. Já um terceiro estudo identificou que 35% dos gols foram de ataque posicional, 27% de contra-ataque, 23% de bola parada, 8% de quinto jogador e 7% de defesa de quinto jogador (GIANI; SOARES; SILVA, 2018) Por fim, Santos e Navarro, (2010) identificaram que o ataque posicional foi responsável por 10,3% dos gols, ataque rápido por 25,6%, contra-ataque por 38,5%, bola parada por 17,9% e quinto jogador por 7,7%.

Entretanto, esses estudos apresentados se utilizaram de uma definição de tipos de ataque diferente do nosso trabalho, ao conceituarem o ataque posicional em quatro tipos: ataque posicional, ataque rápido, quinto jogador e ataque com exclusão de dois minutos. Em ações de contra-ataque ocorre o mesmo processo, o dividindo em contra-ataque e defesa de goleiro linha. Ainda assim, é possível traçar uma tendência de distribuição dos gols em relação aos tipos de ataque dentro da liga brasileira e espanhola de futsal. Contudo, o nosso estudo permite um olhar mais criterioso em relação à eficácia de cada tipo de ataque, visto que todas as ações ofensivas foram analisadas, inclusive os ataques não finalizados, o que não ocorreu



nos estudos supracitados. Tal observação demonstrou que, do total de ataque analisados, apenas 2,0% terminou em gols e, quando relativizado, cada tipo de ataque teve um aproveitamento de: ataque posicional (N = 8344, 21,7% finalização e 1,3% gols), o contra-ataque (N = 1043, 46,7% finalização e 6,0% gols) e a bola parada (N = 1004, 67,8% finalização e 3,4% gols).

Apesar de mais recorrente, o ataque posicional apresenta baixa eficácia, pois a defesa adversária já está posicionada, por ter realizado a transição defensiva, possivelmente com todos os jogadores atrás da linha da bola. Isso ainda pode ser maximizado através de um início com lateral (recuperação indireta), quando esse tempo de transição é ainda maior, de tal forma que a defesa ocupe regiões em frente ao gol. Dessa forma, mesmo que sofra uma finalização, não será nas melhores condições para o finalizador, visto que as zonas centrais, que têm maior eficácia, estarão mais protegidas (CORRÊA et al., 2014; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; LAPRESA et al., 2013; SARMENTO et al., 2016). A bola parada, no entanto, possui um alto índice de finalização pela sua definição e usos, como faltas frontais, por exemplo, que acabam sendo finalizadas, em sua maioria, mesmo que não nas melhores condições. Já o contra-ataque foi o tipo de ataque mais eficaz. Tal fato está relacionado à utilização do um momento de reorganização defensiva do adversário para atacar. Além disso, por ser também um tipo de ataque mais utilizado pelas equipes vencendo e que, no fim do jogo, se aproveitam de estratégias e tipos de ataque de maior risco dos adversários em desvantagem, como o quinto jogador, que geram uma alta desorganização na transição defensiva e possibilitam ótimas condições para o contra-ataque (CORRÊA et al., 2014; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; SANTANA, 2007; SARMENTO et al., 2016).

Nesse sentido, também foi observado ao longo dos jogos que as equipes em vantagem de gols tiveram mais chances de ampliar do que perder a vantagem. Por ficarem pouco tempo atrás do placar durante as partidas, não estavam sendo pressionadas pelas questões contextuais e podiam se aproveitar da pressão temporal sobre seus adversários. Assim como a vantagem no placar, outros estudos tem verificado que marcar o primeiro gol é equivalente à vitória (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016). Tal efeito foi verificado por um estudo na liga espanhola que identificou que sair vencendo aumenta a chance de vitória das equipes, ainda mais se a equipe estiver jogando em casa (MOLINUEVO; BERMEJO, 2012). O efeito do primeiro gol no futsal parece ser um grande direcionador do rumo que a partida irá tomar, visto que, ao ocorrer, as equipes deixam de estar em “igualdade” no jogo, gerando necessidades contextuais diferentes.

Além disso, vale também destacar a questão do local de jogo. Equipes jogando em casa, na liga nacional de 2012 a 2014 no Brasil, apresentaram 63,8% de aproveitamento, quando comparados às equipes visitantes (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016; CAMPOS et al., 2015). Na liga espanhola observou-se vantagens entre 61,5% (MOLINUEVO; BERMEJO, 2012) e 62,3% (MOLINUEVO; BERMEJO, 2011) para o mandante. A vantagem de se jogar em casa em relação aos tipos de ataque também foi observada neste estudo. As equipes mandantes apresentaram maior número de ações ofensivas, finalizações e gols, assim como se utilizaram mais vezes de contra-ataque e bola parada que as equipes visitantes.

Por fim, o presente estudo apresenta algumas limitações em relação a observação do local da partida, pois, por motivos sanitários devido a covid-19, os jogos de 2020 foram realocados nas cidades próximas a cidade de origem do clube, fazendo que a equipe, mesmo sendo mandante, não necessariamente estivesse em sua quadra habitual.

## **2.5. Conclusão**

É possível afirmar que o ataque posicional é o tipo de ataque predominante no jogo de futsal, com contra-ataque e bola parada surgindo como tipos de ataque complementares e situacionais. No entanto, nesta modalidade em que aproximadamente um terço dos ataques são finalizados, a bola parada apresenta um alto índice de finalização e o contra-ataque se mostra como tipo de ataque mais eficaz em gerar gols. Também é possível concluir que a forma como a posse de bola é recuperada influencia na escolha do tipo de ataque. Recuperações indiretas induzem as equipes a ataques posicionais e bolas paradas, enquanto as recuperações diretas aumentam a chance de realizar contra-ataques.

As variáveis contextuais de local da partida, período do jogo, resultado momentâneo, situação na classificatória, influenciam tanto nos tipos de ataque quanto no aproveitamento delas em finalização e gols. As equipes mandantes venceram mais partidas, finalizaram mais e fizeram mais gols. Os períodos finais foram os períodos mais determinantes das partidas e que tiveram a maior incidência de gols e contra-ataques. E o resultado momentâneo e a situação classificatória demonstraram que, estar em vantagem, potencializa a chance de ampliar a vantagem ao invés de perdê-la.

A partir disso, indica-se as comissões técnicas das equipes de futsal, que incluam em seus processos de treinamento as variáveis contextuais e estimulem os comportamentos táticos para os determinados momentos, trabalhando de maneira específica, no intuito de enaltecer e aprimorar cada uma das diferentes características dos tipos de ataque.

### 3. ESTUDO 2

#### **Descrição dos contra-ataques da liga brasileira de futsal (2019/2020) em relação à recuperação da bola, ao tipo de contra-ataque e à região da quadra.**

##### **3.1.Introdução**

O nascimento do futsal é datado na década de 1930, porém nos últimos anos sua popularidade vem crescendo (BEATO; CORATELLA; SCHENA, 2016). A liga brasileira de futsal é uma liga renomada e de alta importância mundial e que, hoje, conta com 23 equipes de sete estados diferentes (LNF, 2022). Estudos em análise do jogo e futsal ainda são escassos e em sua grande maioria se concentram a partir do ano de 2008 (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016). Tais estudos são de natureza descritiva, associativa e análise da dinâmica e de sistemas complexos (AGRAS; FERRAGUT; ABRALDES, 2016).

O futsal é um jogo complexo e dinâmico em que existe um confronto de atacantes e defensores em um espaço comum e com uma bola (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014). Contudo, dentro desse sistema é possível identificar quatro momentos do jogo (e.g. ataque, transição ofensiva, defesa e transição defensiva) (MENEZES; MORATO; MARQUES, 2016). O presente estudo observou, dentro do momento de transição ofensiva, o contra-ataque. O contra-ataque pode ser entendido como: o momento após a recuperação da bola, quando a equipe muda seu comportamento de defensores para atacantes e busca progredir e finalizar antes que a defesa adversária se reorganize (MENEZES; MORATO; MARQUES, 2016; SANTANA, 2007).

Estudos em futebol e futsal tem identificado a influência das variáveis contextuais no jogo (MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011). A influência do local do jogo por exemplo, demonstra que jogar em casa trás melhores condições a equipe, tanto no futsal brasileiro quanto no espanhol (CAMPOS et al., 2015; MOLINUEVO; BERMEJO, 2011, 2012). O período também demonstra certa influência, já que são nos períodos finais que mais ocorrem os gols no futsal, principalmente de contra-ataques (ALVES; BUENO, 2012; FUKUDA; SANTANA, 2012; GIANI; SOARES; SILVA, 2018; GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015; MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019).

Estudos em futebol tem se dedicado a entender como o padrão de recuperação de bola influencia no contra-ataque. Barreira et al. (2014a) e Sarmiento et al. (2014) identificaram que as equipes recuperavam a bola através de desarmes e interceptações nas regiões defensivas do campo e que terminam em sua maioria no campo de ataque. Malta e Travassos (2014) e Sarmiento et al. (2014) observaram ainda, padrões diferentes de como os contra-ataques foram realizados, indicando que existem equipes que utilizam mais passes curtos, longos ou altos, de acordo com a característica e a relação numérica próxima a bola.

No futsal, poucos estudos verificaram como acontece a recuperação de bola. Um deles indicou que a maioria das recuperações acontece com a bola fora de jogo e no setor defensivo, induzindo ao jogo posicional (CARNEIRO et al., 2021). Contudo, apenas identificar a recuperação da bola e a região que acontece, cria uma lacuna de como ocorre o contra-ataque no futsal. Santana (2007), no entanto, observou a ação que iniciou o contra-ataque e o tipo de contra-ataque utilizado, verificando que ações de desarme e interceptações foram as que mais geram contra-ataques. Porém, deixando escapar as interações com o contexto e a região da quadra.

Nesse sentido, o enfoque desta pesquisa residiu em avaliar o contra-ataque das equipes brasileiras de futsal, buscando identificar e concatenar as relações de como se iniciou o contra-ataque, que tipo de contra-ataque foi utilizado, além de analisar se existem variáveis contextuais, indicadores de performance e regiões da quadra que podem afetar sua incidência e eficácia.

### **3.2. Métodos**

Foi realizado uma coleta de dados através de uma análise notacional nomotética multidimensional (ANGUERA; MENDO, 2013). Tal procedimento constitui-se na construção de critérios coerentes ao objetivo proposto, que sejam excludentes entre si e exaustivos em relação as possibilidades (ANGUERA; MENDO, 2013; O'DONOGHUE, 2010). Como ferramenta para o processo de análise foi utilizado o software VLC media player 3.0.8 e os dados anotados em planilha eletrônica *ad hoc*.

Os jogos utilizados para a captação dos dados foram advindos da fase eliminatória da liga nacional de futsal, totalizando 43 jogos (29 jogos em 2019 e 14 jogos em 2020). A pesquisa

aprovada por um comitê de ética e pesquisa da Universidade de São Paulo (CAAE: 67387017.7.0000.5659).

### 3.2.1. Coleta de dados e procedimentos

O processo de análise aconteceu em dois momentos: um primeiro de identificação do contra-ataque e um segundo de avaliação. Para identificação utilizou-se de uma definição de contra-ataque que consiste em: ataque realizado no momento de transição ofensiva, com progressão direta ao ataque e defensores em situação de perseguição e reestruturação defensiva. Para tal, foram analisados todos os ataques realizados pelas equipes nos jogos observados (N = 10391), dos quais 1043 foram considerados contra-ataques, com um índice de confiabilidade quase perfeito ( $\kappa = 0,82$  intra e interobservadores).

No segundo momento foram avaliados os tipos de contra-ataque, as variáveis contextuais, os indicadores de performance, a relação numérica e a região da quadra dos 1043 contra-ataques identificados na etapa anterior.

Os tipos de contra-ataques foram divididos em duas categorias: individual e assistido. O individual é definido como um ataque originado de uma recuperação de bola direta, que o jogador realiza o ataque sem trocar posses com os companheiros, mesmo quando eles apresentam linhas de passe (SANTANA, 2007). O assistido consiste em um contra-ataque no qual a equipe realiza passes no decorrer do contra-ataque, podendo ser do goleiro e de jogadores de linha (SANTANA, 2007).

As variáveis contextuais, que compuseram o estudo, foram: **i)** local do jogo: casa ou fora; **ii)** período do jogo: 1º período (20:00 a 10:00 do primeiro tempo), 2º período (09:59 a 00:00 do primeiro tempo), 3º período (20:00 a 10:00 do segundo tempo), 4º período (09:59 a 00:00 do segundo tempo) e prorrogações; **iii)** resultado momentâneo (empatando, vencendo por 1, vencendo por 2+, perdendo por 1 e perdendo por 2+); **iv)** situação na classificação (como os jogos eram de ida e volta e, em caso de resultados iguais, havia prorrogação com vantagem para o mandante do segundo jogo, foi criada essa categoria para acompanhar esse processo), sendo dividida em: indefinido, desclassificando e classificando; **v)** resultado final: empate, vitória, derrota.

Os indicadores de performance consistiram em: **i)** recuperação da bola: indireta (com a bola fora de jogo), direta (com a bola em disputa) ou por ação do goleiro (e.g. tiro de meta e defesa do goleiro); **ii)** quinto jogador: variável binária que era anotada caso o quinto jogador adversário estivesse na meia-quadra ofensiva, no momento do contra-ataque; **iii)** número de passes realizados durante o contra-ataque (0 a 3+); **iv)** resultado do contra-ataque: sem finalização, finalização ou gol.

A variável de região da quadra foi dividida em duas áreas de 20m x 20m cada, separadas pela linha central, as quais foram denominadas: defesa e ataque. Além disso, também foram determinadas as relações numéricas: número de atacantes (jogadores ofensivos à frente ou na linha da bola em progressão); número de defensores (jogadores atrás da linha da bola, em situação de bloqueio) e número de jogadores em perseguição (defensores recuperando a linha da bola para tentar se colocar entre a bola e sua meta, estando no máximo no setor anterior).

### 3.2.2. Confiabilidade

A confiabilidade intra e interobservadores foi testada para todas as variáveis contextuais, variáveis de desempenho, número de jogadores e região da quadra em 30% (N= 320) do total de contra-ataques. A confiabilidade intraobservador foi realizada pelo autor do estudo, com um período de três semanas após o termino da primeira análise. A interobservador foi realizada pelo autor e por outro analista previamente treinado e com experiência. Como instrumento de testagem dos dados foi utilizado o índice de Kappa de Cohen (Tabela 5) (VIERA; GARRETT, 2005; WOOD, 2007).

Tabela 5 – Valor de confiabilidade – Kappa de Cohen

<b>Indicador de Performance</b>	<b>Intraobservador</b>	<b>Interobservador</b>	<b>Interpretação do Kappa</b>
<b>Recuperação da bola</b>	0,87	0,89	<i>Almost perfect</i>
<b>Resultado do ataque</b>	0,82	0,83	<i>Almost perfect</i>
<b>Tipo de contra-ataque</b>	0,85	0,81	<i>Almost perfect</i>
<b>Jogadores de ataque</b>	0,81	0,77	<i>Almost perfect / Substantial agreement</i>
<b>Jogadores de defesa</b>	0,82	0,80	<i>Almost perfect / Substantial agrément</i>
<b>Jogadores em perseguição</b>	0,80	0,79	<i>Substantial agrément</i>
<b>Região inicial</b>	0,92	0,91	<i>Almost perfect</i>
<b>Região final</b>	0,91	0,88	<i>Almost perfect</i>

### 3.2.3. Análise estatística

Foi calculado o teste qui-quadrado de aderência para determinar a homogeneidade na distribuição das categorias (tipo de contra-ataque; recuperação da bola; quinto jogador; resultado do ataque; relação numérica; número de atacantes; número de defensores; número de jogadores em perseguição; região inicial; região final). E foi realizado o teste qui-quadrado de independência para determinar associações entre as variáveis independentes (tipo de contra-ataque; região inicial; região final) e as demais variáveis. O teste exato de Fisher foi usado para determinar a significância em tabelas com frequência de células menores que 5. Para cálculo estatístico foi utilizado o programa IBM SPSS for Windows Statistical Package (versão 20.0). E para determinação de significância, o valor de P foi ajustado para 0,05.

### 3.3. Resultados

Na comparação entre a incidência dos contra-ataques foi verificado que o contra-ataque assistido (58,1%) foi predominante em comparação ao individual (41,9%),  $X^2 (1) = 27,39$ ;  $p < 0,001$ . Além disso, é possível observar na Tabela 6, que: a) não houve diferença no tipo de contra-ataque realizado pela equipe da casa e a de fora; b) o período do jogo influencia no tipo de contra-ataque realizado, com o contra-ataque assistido sendo frequente o tempo todo e o individual crescendo no quarto período; c) estar empatando foi o momento com a maior incidência de contra-ataques. O contra-ataque individual cresceu quanto as equipes estão vencendo e diminui quando as equipes estavam perdendo; d) equipes em situação de eliminação utilizaram com menos frequência o contra-ataque individual e as equipes que estavam se classificando foram as que mais contra-atacaram; e) não houve associação entre o resultado na partida e o tipo de contra-ataque, embora as equipes vitoriosas tenham contra-atacado mais,  $X^2 (2) = 175,42$ ;  $p < 0,001$ .

O indicador de performance recuperação da bola apresentou diferença em suas distribuições com a recuperação direta (86,6%) como a principal forma de iniciar os contra ataques, seguida por recuperação do goleiro (12,1%) e indireta (1,3%)  $X^2 (2) = 1348,60$ ;  $p < 0,001$ . Também foi verificado uma distribuição não igualitária dos contra-ataques em relação ao quinto jogador adversário estar (15,2%) ou não (84,4%) em quadra no momento do contra-



ataque, com maior incidência de ações em momentos que não se tem o quinto jogador,  $X^2 (2) = 503,96$ ;  $p < 0,001$ .

Tabela 6 – Variáveis contextuais e tipo de contra-ataque

Variáveis contextuais	Tipo de contra-ataque			
	Assistido	Individual	Qui-quadrado	Valor P
<b>Local</b>				
Casa	31,4%	23,0%	0,09	0,801
Fora	26,7%	18,9%		
<b>Período</b>				
1º	12,6%	10,2%	10,16	0,038
2º	14,3%	7,8%		
3º	14,8%	9,4%		
4º	14,8%	12,6%		
Prorrogação	1,7%	2,0%		
<b>Resultado momentâneo</b>				
Empate	26,7%	17,4%	11,95	0,018
Vencendo 1	11,1%	9,3%		
Vencendo 2+	7,5%	8,1%		
Perdendo 1	8,5%	4,7%		
Perdendo 2+	4,2%	2,5%		
<b>Situação classificatória</b>				
Classificado	22,9%	20,4%	9,91	0,007
Indefinido	17,8%	11,8%		
Eliminado	17,4%	9,7%		
<b>Resultado Final</b>				
Vitória	27,8%	22,6%	3,89	0,143
Derrota	20,0%	12,6%		
Empate	10,3%	6,7%		

A Tabela 7 (lado esquerdo) demonstrou associação entre os indicadores de performance com o tipo de contra-ataque, verificando que: a) a recuperação da bola com participação do goleiro tem forte relação com o ataque assistido, enquanto a recuperação direta possibilita ambos os tipos de contra-ataque, com maior percentual para indecência do assistido; b) frente a utilização do quinto jogador adversário cresce a incidência de contra-ataques individuais, e caso não se tenha o quinto jogador o assistido é o principal tipo de contra-ataque; c) os contra-ataques com nenhum ou com um passe são os mais representativos, sendo o primeiro associado ao individual e o segundo ao assistido; d) em superioridade numérica ambos os tipos de contra-ataque foram utilizados, porém, em igualdade e em inferioridade, os assistidos ganham força.

Tabela 7 – Associação dos indicadores de performance com o tipo de contra-ataque e seu resultado.

Indicadores de performance	Tipo de contra-ataque				Resultado do contra-ataque				
	Assistido	Individual	Qui-quadrado	Valor p	Não finalizado	Finalizado	Gol	Qui-quadrado	Valor p
<b>Recuperação da bola</b>									
Direta <sup>1</sup>	49,1%	37,5%			45,8%	35,7%	5,1%		
Goleiro <sup>2</sup>	7,7%	4,4%	12,33	0,002	6,8%	4,5%	0,8%	2,41	0,661
Indireta <sup>3</sup>	1,3%	0,0%			0,7%	0,5%	0,2%		
<b>Quinto jogador</b>									
Não	53,3%	31,4%			49,4%	31,9%	3,5%		
Sim	4,8%	10,5%	54,75	< 0,001	3,9%	8,7%	2,6%	76,52	< 0,001
<b>Número de passes</b>									
0 passe	0,0%	41,9%			19,3%	19,8%	2,8%		
1 passe	39,5%	0,0%			24,0%	13,5%	2,0%		
2 passes	15,0%	0,0%	1043,00	< 0,001	8,3%	5,8%	0,8%	22,42	0,001
3+ passes	3,6%	0,0%			1,7%	1,4%	0,5%		
<b>Relação numérica</b>									
Superioridade	29,5%	28,2%			32,0%	23,0%	2,7%		
Igualdade	20,2%	12,7%	51,43	< 0,001	16,8%	13,6%	2,5%	6,52	0,163
Inferioridade	8,3%	1,1%			4,5%	4,0%	0,9%		

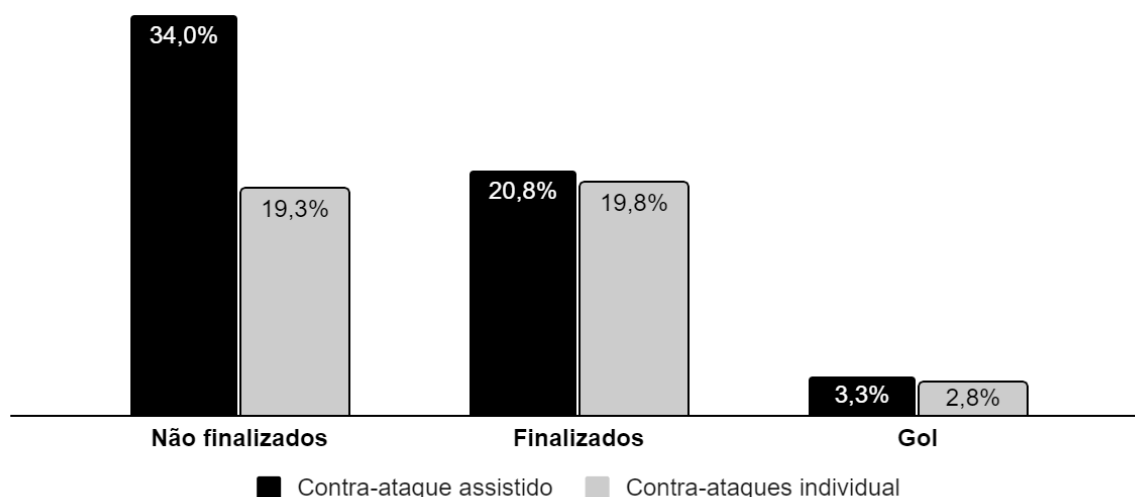
Nota: 1) recuperação direta incluiu: interceptação (52,5%), desarme (27,6%), bloqueio (5,5%), e erro de ataque (1,0%); 2) recuperação com o goleiro incluiu: defesa do goleiro (10,1%) e tiro de meta (2,0%); 3) recuperação indireta incluiu: lateral (1,2%), falta ou violação (0,2%).

A distribuição do resultado do contra-ataque apresentou diferença significativa, com o resultado não finalizado (53,3%) sendo superior ao finalizado (40,7%) e a ocorrência de gols (6,0%),  $X^2 (2) = 374,68$ ;  $p < 0,001$ .

A Tabela 7 (lado direito) verificou que: a) não houve associação entre a recuperação da bola e o resultado do contra-ataque; b) com o quinto jogador adversário em quadra, houve maior chance de finalização; c) contra-ataques com zero e um passe são os que mais geram finalização e gols; d) contra-ataques em superioridade numérica ocorrem mais e geram mais finalização e gols.

Por fim, avaliou-se a associação entre tipo de contra-ataque e seu resultado, demonstrando que contra-ataques assistidos apresentaram maior percentual de não finalização, contudo, apresentam um maior número de gols,  $X^2 (2) = 16,33$ ;  $p < 0,001$ , (Figura 1).

Figura 1 - Eficácia nos tipos de contra-ataque.

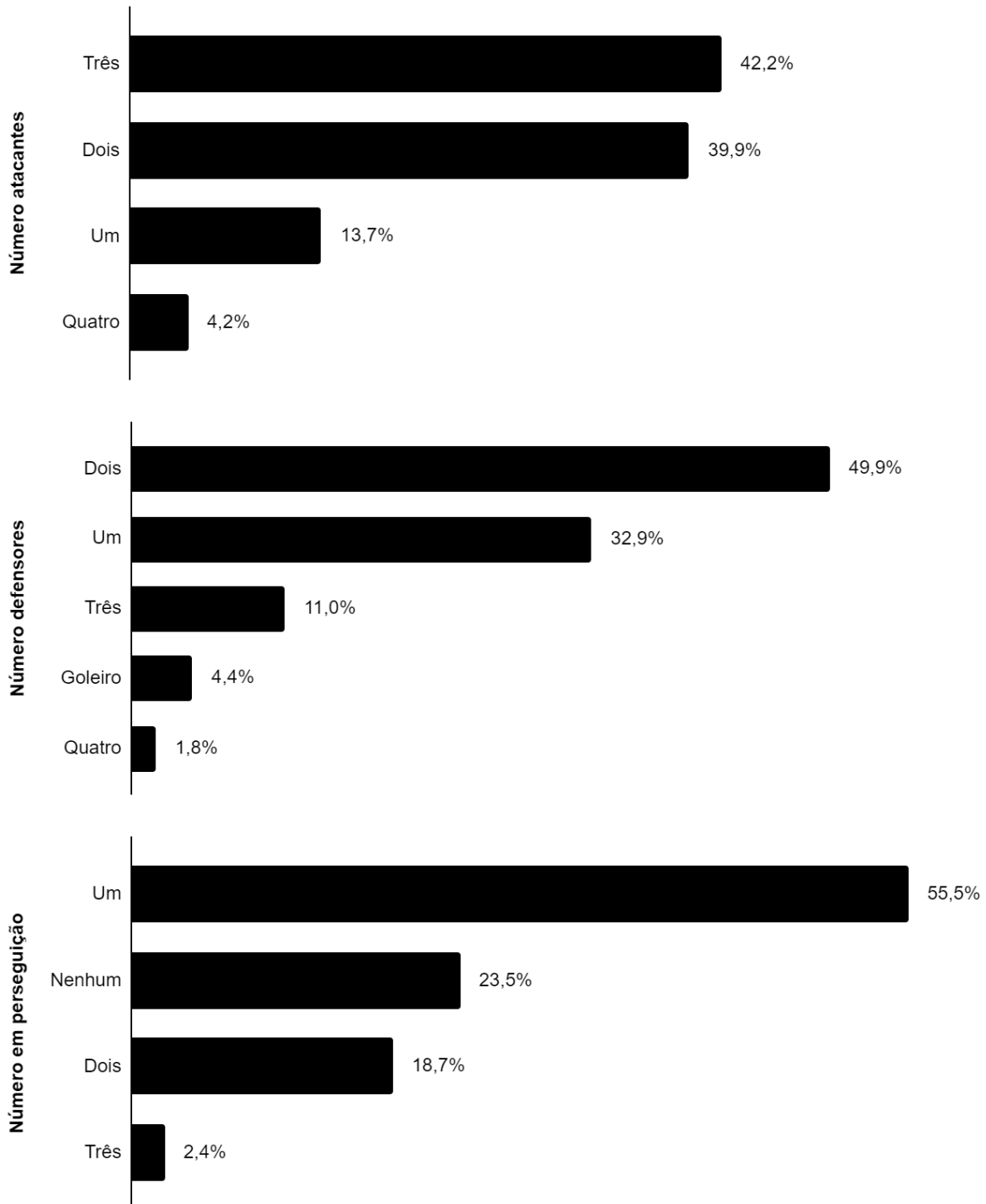


Fonte: Autoria própria.

Na Figura 2 verificou-se uma distribuição não igualitária na relação numérica do contra-ataque apresentando que, majoritariamente, ele ocorre com: a) três ou dois atacantes;

b) contra dois ou um defensor além do goleiro; e c) ao menos um jogador buscando retornar para recuperar a linha da bola.

Figura 2 – Caracterização do número de jogadores no contra-ataque



Nota: Número de atacantes:  $X^2(3) = 449,01$ ;  $p < 0,001$ ; Número de defensores  $X^2(4) = 892,53$ ;  $p < 0,001$ ; Número de jogadores em perseguição  $X^2(3) = 617,67$ ;  $p < 0,001$ . Fonte: Autoria própria.

A região de início do contra-ataque não apresentou homogeneidade em sua distribuição, com os contra-ataques iniciados na região defensiva (79,8%) sendo mais incidentes que na região ofensiva (20,2%),  $X^2(1) = 369,74$ ;  $p < 0,001$ . Assim como na região final, que constatou que 17,5% dos contra-ataques terminaram na defesa e 82,5% no ataque  $X^2(1) = 439,43$ ;  $p < 0,001$ .

Na Tabela 8 (lado esquerdo) nota-se que: a) o contra-ataque assistido se iniciou mais frequentemente no campo de defesa, e que no campo de ataque existiram mais ocorrências de contra-ataques individuais; b) o número de passes tende a ser menor quando os contra-ataques começam na região de ataque; c) com o quinto jogador adversário, os contra-ataques raramente se iniciaram no campo de ataque; d) contra-ataques sem finalização ocorrem mais quando começam no campo de defesa, e que quando iniciados no ataque tem maiores chances de finalizar.

Na Tabela 8 (lado direito) é possível identificar que: a) a região final mais frequente foi o ataque, e que o contra-ataque individual apresenta maior número de término no campo defensivo em comparação ao assistido; b) independente dos passes a região final mais frequente é o ataque, contudo, contra-ataques sem passes apresentam a maior incidência dentre os terminados no campo de defesa; c) estando o adversário com o quinto jogador em quadra, tende a crescer o número de ataques terminados na região de defesa; d) apesar de não haver associação, a maioria dos gols e finalizações ocorreu quando os contra-ataques terminaram na região de ataque.

Tabela 8 – Região da quadra e interação com o contra-ataque

Variáveis dependentes	Região inicial do contra-ataque				Região final do contra-ataque			
	Defesa	Ataque	Qui-quadrado	Valor P	Defesa	Ataque	Qui-quadrado	Valor P
<b>Tipo contra-ataque</b>								
Assistido	49,3%	8,8%	22,84	< 0,001	4,0%	54,1%	112,65	< 0,001
Individual	30,5%	11,4%			13,5%	28,4%		
<b>Número de passes</b>								
0 passe	30,5%	11,4%	25,72	< 0,001	13,5%	28,4%	118,40	< 0,001
1 passe	33,0%	6,5%			3,7%	35,5%		
2 passes	12,8%	2,1%			0,2%	14,8%		
3+ passes	3,5%	0,2%			0,1%	3,5%		
<b>Quinto jogador</b>								
Não	65,5%	19,3%	22,59	< 0,001	6,6%	78,1%	380,27	< 0,001
Sim	14,3%	1,0%			10,9%	4,3%		
<b>Resultado do ataque</b>								
Não finalizado	44,6%	8,7%	14,40	< 0,001	8,6%	44,7%	1,64	0,441
Finalizado	31,2%	9,5%			7,7%	33,0%		
Gol	4,0%	2,0%			1,2%	4,8%		

### 3.4. Discussão

O enfoque desta pesquisa residiu em caracterizar o contra-ataque das equipes brasileiras de futsal. Foi observado que não finalizar os contra-ataques é mais frequente que os finalizar ou fazer gols. Também foi verificado que a forma mais frequente de se iniciar um contra-ataque é recuperando a bola de forma direta no campo de defesa e que o tipo mais comum de contra-ataque é o assistido. Além disso, variáveis contextuais como período, resultado momentâneo e situação na classificação, influenciaram na incidência e no tipo de contra-ataque: houve maior incidência de contra-ataques individuais no período final; as equipes vencendo e empatando (classificando) aumentam as chances de contra-atacar; o quinto jogador adversário demonstrou influenciar fortemente no modo de contra-atacar, quando sua presença em quadra aumentou a incidência de contra-ataques individuais e o número de ataques finalizados da região de defesa (o que é o oposto do padrão, contra-ataques terminarem na região de ataque e sendo do tipo assistido, com um passe). Ficou constatado também que os contra-ataques ocorreram, em sua maioria, com superioridade numérica da equipe atacante, contando com três ou dois jogadores, frente a uma a defesa com um ou dois

jogadores mais o goleiro, além de um terceiro homem retornando em perseguição na direção da bola ou para coberturas.

Os contra-ataques se alteram em tipo e incidência quando associados às variáveis contextuais. A incidência de contra-ataques cresceu no quarto período, esse crescimento está diretamente ligado ao aumento de contra-ataques individuais. O resultado momentâneo e a situação de classificação também tiveram interação com o tipo de contra-ataque, demonstrando que a maior incidência foi empatando e vencendo (classificando), e que estar em vantagem induziu a uma maior incidência de contra-ataques individuais.

Por outro lado, o local da partida e o resultado final não tiveram relação com o tipo de contra-ataques, porém foi possível notar que, quem jogou em casa e saiu vitorioso, contra-atacou mais. O estudo de Lago (2009) identificou uma mudança na postura de uma equipe de futebol em relação ao resultado momentâneo no jogo, que quando estava perdendo atacou mais de forma posicional, e vencendo buscou mais o jogo direto e contra-ataques. Efeito similar ao destacado por Fernandez-navarro et al. (2018), que identificaram aumento da posse de bola quando perdendo e diminuição quando vencendo, priorizando ataques mais rápidos. Em contrapartida, um estudo em futsal não verificou este efeito, indicando que o sucesso da posse de bola está relacionado a outros fatores como tipo de ataque, eficácia e região final do ataque (GÓMEZ; MORAL; LAGO-PEÑAS, 2015).

A forma como a bola é recuperada parece possuir uma íntima relação com a promoção de um subsequente contra-ataque, como interceptação e desarme, ou em alguns casos através de ações rápidas do goleiro. Tais ações de recuperação de bola direta, demonstraram ser gatilhos para o início de um contra-ataque, visto que, em poucos casos, bolas recuperadas de forma indireta conseguiram criar tais situações. Em dois estudos que observaram a Copa do Mundo de Futebol 2010, foi identificado que a principal forma de recuperação de bola (direta) foi por interceptações e desarmes. Quando recuperada por desarmes aumentou a eficácia ofensiva, assim como, quando foi recuperada e realizado um passe para frente (BARREIRA et al., 2014a, 2014b). Outro estudo observou como a recuperação da bola ocorreu no futsal juvenil e, apesar de não relacionar aos contra-ataques, encontrou dados de que a recuperação indireta é a mais frequente no jogo de futsal, principalmente através de laterais (CARNEIRO et al., 2021). Santana (2007), no entanto, ao identificar os contra-ataques no futsal verificou que, eles ocorrem através de interceptação (47,99%), desarme (23,99%), assistido por passes entre os

jogadores (18,43%) e ações do goleiro (9,79%). Dados equivalentes aos identificados no nosso estudo, no qual ações de recuperação direta são as que mais geram ações de contra-ataque.

A recuperação da bola seja direta, indireta ou por ação do goleiro tem forte ligação com a região da quadra que acontece a troca da posse. Sendo constatado que a maioria dos contra-ataques se iniciaram no campo de defesa e terminaram no campo de ataque. Estudos no futebol e futsal corroboram tais achados. Um estudo identificou que as regiões centrais defensivas foram as que apresentaram maior incidência de recuperação da posse da bola (BARREIRA et al., 2014a). Resultado semelhante foi verificado no padrão dos contra-ataques de três equipes de alto nível do futebol, demonstrando que os contra-ataques, em sua maioria, se iniciaram no campo de defesa e terminaram no campo de ataque (SARMENTO et al., 2014).

No futsal tal fenômeno também é identificado, sendo que os ataques com término nas regiões ofensivas da quadra foram os mais comuns, e com maior incidência de gols (SARMENTO et al., 2016). Gómez, Moral e Lago-Peñas (2015) demonstraram também uma maior taxa de sucesso ofensivo, quando as equipes atacaram de forma posicional ou contra-ataque, e terminaram na região ofensiva da quadra. Assim como Lapresa et al. (2013) que observaram maior eficácia dos chutes a gol quando realizados na região ofensiva da quadra.

Na relação do quinto jogador adversário e contra-ataque foi possível observar que, quando o quinto jogador adversário estava em quadra, cresceu a incidência de contra-ataques individuais. Esses contra-ataques individuais crescem pelo fato de, após o jogador recuperar a bola, ele mesmo já tenta finalizar, aproveitando a ausência do goleiro adversário. Corrêa et al. (2014), inclusive, sugerem que se contra-ataque frente à utilização do quinto jogador pelo adversário por tal tipo de ataque conseguir se aproveitar deste momento sem goleiro para finalizar. Oliveira et al. (2022) identificaram, ainda, que o "saldo" da utilização do quinto jogador foi negativo, devido ao número de gols tomados por contra-ataque ter sido maior que o número de gols feitos. Logo é possível indicar que contra-atacar é um bom tipo de ataque contra o quinto jogador.

Notou-se também que o contra-ataque assistido aconteceu mais vezes, gerou mais finalização e produziu mais gols que o individual. Contudo, contra-ataques de insucesso são mais frequentes que os de sucesso. Percebe-se ainda que o contra-ataque assistido utilizou mais vezes de um passe do que dois, três ou mais. Santana (2007), ao verificar os contra-ataques, identificou que, 71,78% dos contra-ataques na liga brasileira (2003) foram realizados de maneira individual e apenas 28,22% de forma assistida. Dados que, 19 anos depois, na



mesma liga, apresentam uma distribuição com contra-ataques assistidos (58,1%) sendo superiores aos individuais (41,9%).

Em relação a efetividade dos tipos de contra-ataque, foi observado que o assistido (606 ações, 36% finalizadas e 6% gols) e o individual (427 ações, 47% finalizadas e 7% gols) possuem eficácia parecida em gols, porém em finalizações o individual leva vantagem, dado que está intimamente ligado ao quinto jogador adversário. Quando o quinto jogador adversário está na quadra de ataque, a taxa de finalização é maior (57,2% finalizados e 17,0% gols) do que quando não está (37,7% finalizados e 4,1% gols). O saldo entre a utilização do quinto jogador e os contra-ataques sofridos após sua utilização indicam que o quinto jogador não consegue diminuir a vantagem imposta e a equipe que o utiliza acaba sofrendo mais gols (MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ et al., 2019; OLIVEIRA et al., 2022).

Foi relatado, em um estudo de Méndez-Domínguez et al., (2019) a necessidade de identificar a relação numérica no contra-ataque (superioridade, inferioridade e igualdade) visto a sua relevância no alto nível do futsal. Nosso estudo pôde suprir essa lacuna ao demonstrar que a maioria dos contra-ataques acontece com vantagem numérica para a equipe atacante e que, na maioria das vezes, eram realizadas com três ou dois jogadores, frente a dois ou um defensor além do goleiro e, geralmente, mais um jogador retornando em perseguição. Quando em inferioridade numérica foi identificado que o contra-ataque individual aumentou sua incidência, e isso pode estar interligado a utilização do quinto jogador adversário, que faz, que mesmo em desvantagem numérica o jogador ao recuperar a bola tenha mais chances de finalizar, como discutido anteriormente. No geral, contra-ataques em superioridade numérica finalizaram e fizeram mais gols do que em igualdade ou inferioridade. A superioridade numérica, inclusive, pode estar ligada com a ocorrência dos contra-ataques, pois em situações de inferioridade do ataque, quando a defesa tinha três ou quatro defensores, o número de contra-ataques foi bem inferior a momentos com um e dois defensores. Isto está ligado ao fato do contra-ataque se utilizar de um momento de instabilidade defensiva para agir rápido e finalizar. Ao não encontrar esse contexto as equipes preferiram transitar para o ataque posicional.

### 3.5. Conclusão

Conclui-se que o contra-ataque é um tipo de ataque que se inicia no campo de defesa através de uma recuperação direta da bola e tende a terminar na região do ataque. O resultado mais comum é terminar o contra-ataque sem finalização, porém contra o quinto atacante adversário, a possibilidade de finalizar cresce. Há também uma forte relação dos contra-ataques com as variáveis contextuais e indicadores de performance, sendo que, sua maior incidência acontece em momentos que a equipe está vencendo ou empatando, em situação de classificação e no quarto período. O contra-ataque assistido é o mais utilizado pelas equipes, e o contra-ataque individual tem sua incidência aumentada quando a equipe adversária usa o quinto jogador. Estar em vantagem numérica também parece influenciar na utilização do contra-ataque, no sentido que as equipes buscam sempre contra-atacar em superioridade numérica, exceto quando há o quinto jogador adversário.

Com isso indica-se as comissões técnicas incluam o contra-ataque nos processos de treinos, ainda mais quando acontecer uma recuperação da bola de forma direta, instruindo e desenvolvendo ideias para que busquem superioridade numérica neste momento. Assim como, para a sua utilização frente ao quinto jogador, nos períodos finais da partida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação dos estudos apresentados no decorrer da dissertação, possibilita um entendimento amplo de como ocorre os ataques das equipes brasileiras de futsal. Sendo possível verificar que o contexto do jogo (estar em vantagem, seja em placar ou situação de classificação) altera a organização do jogo, fazendo com que as equipes mudem seus comportamentos, de modo a tentar buscar o resultado ou mantê-lo (ampliá-lo). Sair na frente por exemplo, apresentou-se como um excelente indicador de sucesso das equipes. Visto que tal situação faz com que a equipe em vantagem consiga contra-atacar mais (assistido ou individual), por ter o contexto a seu favor, sem a pressão de buscar o placar ou a classificação. Já as equipes que estão perdendo aumentam o jogo posicional (incluindo o quinto jogador) e ficam mais expostas ao revés.

A forma como a recuperação da bola acontece também influencia os tipos de ataque das equipes. A recuperação indireta faz a equipe atacar de maneira posicional e bola parada, e uma recuperação direta deixa em aberto as duas possibilidades, o contra-ataque e o ataque posicional. Essa escolha será determinada por fatores, como região da quadra, relação numérica, quinto jogador adversário e contexto (vantajoso ou não). O período final do jogo mostra-se como um momento quando se deve ter muita atenção, justamente pelo fato de que, nele, foi verificado os maiores índices de finalizações e gols, assim como, foi também quando as equipes mais realizaram contra-ataques.

A eficácia no jogo de futsal mostrou-se baixa, indicando para um jogo de muita troca de posse, e com poucas finalizações (21,8%). O tipo de ataque mais convencional realizado pelas equipes foi o ataque posicional (21,7% finalização e 1,3% gols), a mais eficaz em finalizar foi a bola parada (67,8% finalizações e 3,4% gols), e a que mais gerou gols, foi o contra-ataque (46,7% finalização e 6,0% gols). Indicando que o contra-ataque e a bola parada são ótimas escolhas ofensivas, que aumentam a chance de finalizar e fazer gols, e devem ser exploradas pelas equipes quando surgirem as oportunidades, já que suas incidências são menores se comparadas ao ataque posicional.

Com isso, indica-se aos treinadores e comissões técnicas, que incluam no processo de treino algumas medidas para torná-lo mais representativo ao jogo. A primeira indicação, remete a construção de cenários, (e.g. a equipe estar vencendo a dois minutos do fim) para

que os jogadores assimilem o contexto, e alterem os comportamentos em direção a necessidade da equipe. O segundo, envolve o entendimento da organização do futsal, no qual obrigatoriamente, as equipes passarão pelos quatro momentos (ataque; transição defensiva; defesa; transição ofensiva) devido ao modo em que acontece a recuperação da bola. Recuperações indiretas aumentam o tempo de transição defensiva e induzem a ataques posicionais ou bola parada. Recuperações diretas podem ou não se utilizar do tempo de transição para contra-atacar. O que leva a um ponto crítico para pensar o treinamento, visto que no jogo, os ataques em sua maioria, se iniciam de recuperações indiretas, mas são as bolas recuperadas diretas que possibilitam maiores chances de gol. Então, nesse ponto, se coloca a necessidade de incluir no processo de treino os quatro momentos, e os dois perfis de recuperações de bola, para que sejam treinados, de maneira específica, os aspectos predominantes e, especialmente, aqueles determinantes ao jogo.

Por fim, ressalta-se a necessidade de mais estudos no futsal que verifiquem as interações entre o contexto e o modo de atacar das equipes, a fim de que seja possível criar comparações entre eles e se entenda mais como essa influência é exercida.

## 5. REFERENCIAS

ABURACHID, L; RIBAS, S; GRECO, P. O comportamento tático em diferentes categorias na execução do contra-ataque no futsal **Arquivos de Ciências da Saúde da UIPAR**. V. 14, n.2, 2010.

AGRAS, H; FERRAGUT, C; ABRALDES, A. Match analysis in futsal: A systematic review. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 16, n. 2, p. 652–686, 2016.

ALVES, I; BUENO, E. Análise dos gols na primeira fase da liga futsal 2012. **RBFF- Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 12, p. 118–123, 2012.

ANGUERA, M; MENDO, A. La metodología observacional en el ámbito del deporte. / Observational methodology in sport sciences. **E-balonmano.com: Journal of Sports Science / Revista de Ciencias del Deporte**, v. 9, n. 3, p. 135–160, 2013.

BARBERO-ALVAREZ, J. C.; SOTO, V. M.; BARBERO-ALVAREZ, V.; GRANDA-VERA, J. Match analysis and heart rate of futsal players during competition. **Journal of Sports Sciences**, v. 26, n. 1, p. 63–73, 2008.

BARREIRA, D; GARGANTA, J; GUIMARÃES, P; MACHADO, J; ANGUERA, M. Ball recovery patterns as a performance indicator in elite soccer. **Proceedings of the Institution of Mechanical Engineers, Part P: Journal of Sports Engineering and Technology**, v. 228, n. 1, p. 61–72, 2014. a.

BARREIRA, D; GARGANTA, J; MACHADO, J; ANGUERA, M. Effects of ball recovery on top-level soccer attacking patterns of play. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 16, n. 1, p. 36–46, 2014. b.

BEATO, M; CORATELLA, G; SCHENA, F. Brief review of the state of art in Futsal. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 56, n. 4, p. 428–432, 2016.

BEZERRA, R; NAVARRO, A. Análise dos gols da VI Taça Brasil de Clubes 2010 na categoria sub-20 feminino. **RBFF- Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 11, p. 47–54, 2012.

BRAVO, L.; OLIVEIRA, M. T. Comportamentos táticos no jogo de futsal: os princípios do jogo. **Millenium**, v. 42, p. 3, 2012.

CAMPOS, F A. D.; PELLEGRINOTTI, I. L.; PASQUARELLI, B. N.; RABELO, F. N.; SANTACRUZ, R. A. R.; GÓMEZ, M. A. Effects of game-location and quality of opposition in futsal league. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 15, n. 2, p. 598–607, 2015.

CARNEIRO, M; REIS, M; PETIOT, G; SILVA, T. Analysis of patterns of ball recovery in youth futsal. **Human Movement**, v. 22, n. 3, p. 84–91, 2021.

CORRÊA, U. C.; DAVIDS, K; SILVA, S. L.; DENARDI, R. A.; TANI, G. The Influence of a Goalkeeper as an Outfield Player on Defensive Subsystems in Futsal. **Advances in Physical Education**, v. 04, n. 02, p. 84–92, 2014.

DOGRAMACI, S. N.; WATSFORD, M. L.; MURPHY, A. J. Time-motion analysis of international and national level futsal. **Journal Strength & Condition Research**. V. 25, n. 3, p. 646-651, 2011.

SANTOS, M; NAVARRO, A. Análise dos gols da copa do mundo de futsal fifa 2008. **Revista Brasileira de futsal e futebol**. V. 2, n. 4, p. 6, 2010

DUARTE, R. Análise da utilização da posse de bola durante o processo ofensivo no futsal. Contributo para a determinação da eficácia colectiva. **Motricidade**, v4, n.2, p. 78-83, 2008

FERNANDEZ-NAVARRO, J; FRADUA, L; ZUBILLAGA, A; MCROBERT, A. P. Influence of contextual variables on styles of play in soccer. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 18, n. 3, p. 423–436, 2018.

FUKUDA, J. P; SANTANA, W. Análise dos gols em jogos da liga futsal 2011. **Revista Brasileira de futsal e Futebol**, v. 4, n. 11, p. 62–66, 2012.

FURTADO, O. L. P. C; HÄYRINEN, M; ALVES, I. S; TRAVITZKI, L; MORATO, M P. Factors associated with penalty outcome on male elite goalball. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 38, n. 3, p. 506–518, 2021.

GIANI, G; SOARES, G. F; SILVA, S. A. Análise dos parâmetros técnico-tático dos gols da liga espanhola de futsal 2015/2016. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 69–76, 2018.

GÓMEZ, M.; MORAL, J.; LAGO-PEÑAS, C. Multivariate analysis of ball possessions effectiveness in elite futsal. **Journal of Sports Sciences**, v. 33, n. 20, p. 2173–2181, 2015.

GÓMEZ, M. A.; MÉNDEZ, C; INDABURU, A; TRAVASSOS, B. Goal effectiveness after players' dismissals in professional futsal teams. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 8, p. 857–863, 2019.

GÓMEZ, M. A; MITROTASIOS, M; ARMATAS, V; LAGO-PEÑAS, C. Analysis of playing styles according to team quality and match location in Greek professional soccer. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 18, n. 6, p. 986–997, 2018.

LAGO, C. The influence of match location, quality of opposition, and match status on possession strategies in professional association football. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 13, p. 1463–1469, 2009.

LAPRESA, D; ÁLVAREZ, L; ARANA, J; GARZÓN, B; CABALLERO, V. Observational analysis of the offensive sequences that ended in a shot by the winning team of the 2010 UEFA Futsal Championship. **Journal of Sports Sciences**, v. 31, n. 15, p. 1731–1739, 2013.

LEITE, W. S. S. Determination of offensive coefficients in high performance futsal. **Serbian Journal of Sports Sciences**, v. 7, n. 4, p. 167–172, 2013.

LIGA NACIONAL DE FUTSAL (LNF). **A liga**. Disponível em: <<https://ligafutsal.com.br/institucional/a-liga/>> Acesso em: 04 jan. 2022.

MALTA, P; TRAVASSOS, B. Caraterização da transição defesa-ataque de uma equipa de Futebol. **Motricidade**, v. 10, n. 1, p. 27–37, 2014. DOI: 10.6063/motricidade.10(1).1544.

MARCELINO, R; SAMPAIO, J; MESQUITA, I. Investigação centrada na análise do jogo: da modelação estática à modelação dinâmica. **Revista Portuguesa Ciências do Desporto**, v. 11, n. 1, p. 481–499, 2011.

MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ, C.; GÓMEZ-RUANO, M. A.; RÚIZ-PÉREZ, L. M.; TRAVASSOS, B. Goals scored and received in 5vs4 GK game strategy are constrained by critical moment and situational variables in elite futsal. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 21, p. 2443–2451, 2019.

MÉNDEZ-DOMÍNGUEZ, C; GÓMEZ-RUANO, M. A; RUIZ-PÉREZ, L. M; CUI, Y. Unfavorable critical moments and way of facing them from the futsal coach's point of view through ad hoc questionnaire. [Momentos críticos desfavorables y manera de afrontarlos desde la perspectiva del entrenador de futsal a través de un cuestionario ad hoc]. **RICYDE. Revista internacional de ciencias del deporte**, v. 13, n. 50, p. 339–335, 2017.

MENEZES, R. P; MARQUES, R. F. R; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 351–373, 2014.

MENEZES, R. P; MORATO, M. P; MARQUES, R. F. R. Estratégias de transição ofensiva e defensiva no handebol na perspectiva de treinadores experientes. **Journal of Physical Education** v. 27, n. 1, 2016.

MOLINUEVO, J. S; BERMEJO, J. P. La territorialidad como factor asociado a la ventaja de jugar en casa. Un estudio comparativo por regiones en la liga de fútbol y en la liga de fútbol sala de Españã. **European Journal of Human Movement**. N. 26, p. 93-104, 2011

MOLINUEVO, J. S; BERMEJO, J. P. El efecto de marcar primeiro y la ventaja de jugar en casa en la liga de fútbol y en la liga de fútbol sala de Españã. **Revista de Psicología del Deporte**. V. 21, n. 2, p. 301-308, 2012

MOORE, R.; BULLOUGH, S.; GOLDSMITH, S.; EDMONDSON, L. A Systematic Review of Futsal Literature. **American Journal of Sports Science and Medicine**, v. 2, n. 3, p. 108–116, 2014.

O'DONOGHUE, Peter. **Research methods for sports performance analysis**. Routledge, 2009.

OLIVEIRA, G; BARROS, J; MENEZES, R; MORATO, M; O quinto jogador na elite do futsal brasileiro: entre a maior chance de finalizar e o perigo do revés. 2021. **RBFF- Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. 2021 (no prelo).

SANTANA, W. C. A incidência do contra-ataque em jogos de futsal de alto rendimento. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 153-162, 2007.

SANTANA, Wilton Carlos. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da liga nacional de futsal**. 2008. (Tese de Doutorado) – Escola de Educação física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SARMENTO, H; ANGUERA, M. T; PEREIRA, A; MARQUES, Ad; CAMPANIÇO, J; LEITÃO, J. Patterns of play in the counterattack of elite football teams - A mixed method

approach. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, n. 2, p. 411–427, 2014.

SARMENTO, H; BRADLEY, P; ANGUERA, M. T; POLIDO, T; RESENDE, R; CAMPANIÇO, J. Quantifying the offensive sequences that result in goals in elite futsal matches. **Journal of Sports Sciences**, v. 34, n. 7, p. 621–629, 2016.

VIERA, A J.; GARRETT, J. M. A. J. Viera, MD; J. M. Garrett, PhD (2005). Understanding interobserver agreement: the kappa statistic. *Fam Med* 2005;37(5):360-63. **Family Medicine**, v. 37, n. 5, p. 360–3, 2005.

WOOD, J. M. Understanding and computing Cohen's Kappa: A tutorial. **WebPsychEmpiricist. Retrieved October**, v. 3, n. 2007, p. 145–160, 2007.

WRIGHT, C; CARLING, C; COLLINS, D. The wider context of performance analysis and its application in the football coaching process. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, n. 3, p. 709–733, 2014.